

15 MIL

NA FILA POR CIRURGIAS

HELENA MADER E
ÉRICA MONTENEGRO
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 87 anos, a aposentada Elizabete Nunes de Oliveira sonha em recuperar a visão. Ela precisa de uma cirurgia de catarata e há quase dois anos espera na fila para ser operada. Dia a dia, a dificuldade para enxergar aumenta e dona Beta, como é chamada, vê cada vez mais distante a perspectiva de retomar as atividades de costura e bordado. “Não é só porque estou velha que preciso sentar e esperar a morte. Quero fazer a cirurgia e voltar a enxergar direito”, conta a moradora de Ceilândia.

Assim como Elizabete, cerca de 15 mil brasilienses esperam na fila por uma cirurgia eletiva — em que não há urgência. São pessoas com problemas ortopédicos, pedras na vesícula, doenças oftalmológicas, cálculos renais ou que precisam de cirurgias plásticas. Em comum, todas convivem com a incerteza e enfrentam idas e vindas aos hospitais e laboratórios. Pelejam para fazer exames, que vencem enquanto os pacientes aguardam a chance de entrar no centro operatório.

Os hospitais da rede pública do DF realizam, em média, 1,7 mil cirurgias eletivas por mês. Seria preciso dobrar o número de procedimentos durante quase nove meses para acabar com a fila. Mas, além das eletivas, os médicos têm de fazer cerca de 1,4 mil operações de emergência por mês, o que frustra os pacientes com data marcada para serem operados.

A espera por procedimentos eletivos está relacionada, entre outros problemas, à falta de pessoal. O diretor Regional de Saúde do Gama, Robson Brito, conta que, entre os pacientes da emergência e os que esperam por cirurgias eletivas, os médicos privilegiam os primeiros. “O HRG tem

seis salas cirúrgicas, mas não há anestesistas para todas. Quando o anestesista de plantão está em uma cirurgia de urgência, somos obrigados a cancelar a eletiva”, reconhece Brito, relatando uma realidade comum aos outros hospitais do sistema.

Outra situação problemática ocorre quando os pacientes à espera de cirurgia são obrigados a permanecer internados indefinidamente no hospital. Na Ortopedia do HRG, 40 pessoas estão nessa situação. “Elas deveriam ter sido operadas em no máximo 72 horas, mas alguns já aguardam há mais de 20 dias”, lamenta Brito.

As cirurgias ortopédicas exigem a maior espera. Cerca de 5 mil pacientes aguardam para fazer operações de ligamentos de joelho, pés ou para corrigir lesões em meniscos. Para tentar minimizar o problema, o governo implantou um esquema de plantão em que, todos os sábados, cada hospital deve realizar quatro operações ortopédicas. Os profissio-

nais recebem hora extra. “A quantidade de pacientes que chegam com traumas nas emergências é enorme. Falta estrutura para atender essa demanda”, explica a gerente de Recursos Médicos e Hospitalares da Secretaria de Saúde, Cláudia Machado.

Enquanto esperam para serem operados, os pacientes enfrentam dificuldades na rotina e, muitas vezes, deixam de trabalhar. É o caso da copeira Bertulina Ferreira da Paz, 52 anos. Por conta de um problema na bexiga, ela tem incontinência urinária. Precisa de cirurgia para controlar o fluxo urinário. “É humilhante, não posso nem pegar um ônibus porque as pessoas começam a sentir o cheiro de urina e me olham torto”, diz. Bertulina tem ainda cálculo renal e pedras na vesícula. Já procurou os hospitais de Base, Regional da Asa Norte e Universitário de Brasília, mas não consegue marcar uma data para as cirurgias.

Kleber Lima/CB/DA Press - 19/11/08



ELIZABETE SONHA EM VOLTAR A ENXERGAR DIREITO: ELA AGUARDA HÁ QUASE DOIS ANOS PELA OPERAÇÃO DE CATARATA

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



BERTULINA DA PAZ JÁ PROCUROU TRÊS HOSPITAIS E NÃO CONSEGUE MARCAR UMA DATA PARA AS CIRURGIAS